

ESTILO E ATITUDES LINGUÍSTICAS QUANTO AO PROCESSO DE HARMONIZAÇÃO VOCÁLICA

Leonardo Wanderley Lopes*
Ivonald Leidson Barbosa Lima**

Resumo: Este trabalho objetivou analisar as preferências e atitudes linguísticas de ouvintes quanto à ocorrência do processo de harmonização vocálica com vogais [+alta] em estilo formal e informal de comunicação. Os juízes escutaram pares de palavras em situação de ocorrência e de não ocorrência do alçamento e responderam qual das duas preferiam para o estilo formal e para o estilo informal de comunicação. Em seguida, escutaram frases pareadas e fizeram julgamento de sete atributos aos falantes para as condições de ocorrência e não ocorrência da variante linguística.

Palavras-chave: Estilo. Percepção da fala. Sociolinguística.

INTRODUÇÃO

■ **A** variabilidade linguística é uma das características inerentes ao discurso humano. Ela possibilita aos falantes e ouvintes de determinada língua a construção de significados e a conexão de suas falas a aspectos de estrutura social, como situações, circunstâncias, público e qualidades pessoais (CAMPBELL-KIBLER, 2009).

Uma variante frequente em diversas comunidades do país é a harmonização vocálica, processo que consiste na substituição das vogais médias /e, o/ pelas vogais altas /i, u/ respectivamente, quando a vogal média precede uma sílaba com vogal alta, a exemplo de pepino ~ pipino, coruja ~ curuja, bonito ~ bunito (BISOL, 2015).

Alguns estudos evidenciam que ouvintes, mesmo sem treinamento prévio, conseguem identificar as variantes linguísticas de falantes, podendo indicar, por

* Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: lwlopes@hotmail.com

** Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: ivonaldoleidson@gmail.com

exemplo, a região de procedência e outras categorias sociais (profissão, nível educacional e econômico), embora tenham mais habilidade no reconhecimento das variantes utilizadas na sua região e em regiões circunvizinhas (REMEZ; FELLOWES; RUBIN, 1997; WILLIAMS; GARRET; COUPLAND, 1999; CLOPPER; PISONI, 2002; CLOPPER; BRADLOW, 2009).

Essa identificação ocorre porque, ao longo de toda a interação, os indivíduos monitoram, implícita ou explicitamente, as características indexicais¹ de seus interlocutores e podem usar essas informações para orientar seu próprio comportamento comunicativo subsequente. Em geral, as pessoas costumam se envolver em uma conversação adaptando características de sua velocidade de fala, sotaque² e estilo de comunicação ao interlocutor (NAMY; NYGAARD, 2002).

Nesses contextos, os ouvintes podem atribuir valores à fala das pessoas, de acordo com a sua procedência regional ou social, a pertença a um determinado estilo ou a relação com alguma comunidade de prática (KRETZSCHMAR, 2010). Essa atribuição de valor ou atitude linguística pode ser definida como uma disposição aprendida para pensar, sentir e agir de um modo particular diante de uma pessoa ou objeto (THURSTONE, 1931; ALLPORT, 1954; GARRET, 2010).

A atitude linguística é um constructo que incorpora aspectos cognitivos e comportamentais, uma abstração que não pode ser diretamente aprendida. É um comportamento interno da vida mental que se expressa, direta ou indiretamente, através de processos muito mais evidentes, como estereótipos, crenças, estado verbal ou reações, ideias e opiniões, recordações seletivas, raiva ou satisfação, ou alguma outra emoção e em vários outros aspectos do comportamento (OPPENHEIM, 1992). As atitudes linguísticas têm um papel determinante nas modificações que o indivíduo faz na sua fala, à medida que ele percebe que as reações dos interlocutores quanto aos seus padrões de usos linguísticos podem atrelar aspectos mais positivos à sua comunicação.

Em relação ao estilo de comunicação, Labov (2008) defende que este está relacionado com a atenção que é dispensada à fala, com o automonitoramento do falante, de modo que o discurso pode variar da informalidade à formalidade. A fala casual seria aquela encontrada em ambientes mais descontraídos, onde o falante não se monitora e não é monitorado pelo ouvinte a respeito de sua forma de se comunicar. Já as situações de fala “cuidada” aconteceriam quando o contexto exige um mínimo de controle por parte do falante, quando ele também se sente monitorado pelo interlocutor. No entanto, não existe somente uma dicotomia entre o estilo formal e o informal, entre a fala casual e a cuidada, mas uma escala com diversas possibilidades intermediárias, com maior ou menor grau de formalidade.

As pessoas reconhecem os estilos em qualquer interação social por mecanismos contrastivos, de modo consciente ou não. Esse reconhecimento acontece quando diferentes marcadores são comparados em situações distintas, em que se consegue delinear que estamos diante de um estilo específico (LOPES, 2012).

De acordo com Labov (2006), o prestígio de uma variante linguística estaria relacionado a um estilo mais formal de comunicação, ao passo que a variante estigmatizada estaria relacionada a um estilo informal.

- 1 O termo “indexical” pode ser utilizado para indicar propriedades da fala que revelam traços pessoais do usuário de uma língua, sejam elas biológicas, psicológicas ou sociais, referindo-se também às características identificadoras de um grupo (CRYSTAL, 2000).
- 2 Nesse estudo, o termo “sotaque” é usado em virtude da sua popularidade no meio telejornalístico e representa o uso de variabilidades linguísticas regionais na fala.

Diante do exposto, esse estudo adota a perspectiva laboviana, que defende que o estilo está relacionado com a atenção que é dispensada à fala, com o automonitoramento do falante, de modo que o discurso pode variar da informalidade à formalidade. O objetivo é analisar as preferências e atitudes linguísticas de ouvintes quanto à ocorrência do processo de harmonização vocálica em estilo formal e informal de comunicação.

MÉTODOS

Este é um estudo explicativo, experimental, analítico e transversal, avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da instituição de origem, sob o protocolo de n. 17.103.

Inicialmente, para a realização deste estudo, foram selecionados nove vocábulos contendo vogais médias /e/ e/ o/ em posição pretônica e vogais altas /i/ e/ u/ na sílaba seguinte ou na sílaba tônica, possibilitando a ocorrência da harmonização vocálica. Para tanto, foram selecionados vocábulos de uso comum na língua e que pudessem ser utilizados na criação de um texto, especificamente criado para esta coleta.

Desse modo, os vocábulos foram inseridos em uma frase-veículo do tipo “digo _____ baixinho” (exemplo: digo POLICIAIS baixinho), gerando amostras de fala em contextos fonético-fonológicos semelhantes, e em um texto elaborado especificamente para esta pesquisa (Quadro 1), possibilitando a gravação dos vocábulos inseridos em um contexto de narrativa, considerando-se os critérios sintáticos e pragmáticos.

Quadro 1 – Texto padrão elaborado para a pesquisa

Texto padrão

Todos os dias, os *policiais* observavam a felicidade de Ricardo ao entregar os jornais pelas ruas *perigosas* daquela cidade. Desde *menino*, acordava muito cedo e, cambaleando, saía de casa e enchia de jornais a caixa que ficava amarrada em sua bicicleta. Camila, uma das moradoras do bairro, saía logo cedo com sua caixa para vender peixes em sua banca na feira, mas não se *esquecia* de deixar a porta entreaberta a fim de que o seu amigo jornalista entrasse e tomasse um bom café em sua cozinha.

Ela só não tinha *percebido* que o *menino* tinha virado um homem, triste e silencioso, parecendo guardar os mistérios da própria história. Ontem, acontecera o inesperado! Pressionado pelas dívidas, *queria* resolvê-las e pagá-las o mais rápido possível. Por isso, resolveu chamar um amigo e procurar algum objeto de valor na casa de Camila, durante o seu tradicional café da manhã. Ele só não contava com a presença de uma arara. O animal ouviu todo o diálogo dos invasores e, assim que Camila chegou em casa, começou a *escutar* o pássaro narrar todo o fato *acontecido* em sua ausência. O fato foi *resolvido*, Ricardo foi perdoado, mas a confiança de Camila jamais será a mesma.

Fonte: Lopes (2012).

Considerando-se que o objetivo deste estudo é analisar as preferências e atitudes linguísticas dos ouvintes em relação à harmonização vocálica, três locutoras

com experiência de utilização da voz em comunicação midiática (rádio e televisão), nascidas e criadas em João Pessoa, capital do estado da Paraíba, gravaram as frases-veículo e o texto nas situações de ocorrência (SO) e não ocorrência (SNO) da variável. Ao final de cada gravação, era verificado se cada palavra-alvo na frase-veículo ou no texto correspondia ao padrão solicitado à locutora, ou seja, ocorrência ou não ocorrência da harmonização vocálica. Os sintagmas que não correspondiam eram regravados.

Para dar continuidade à pesquisa, os trechos de fala foram editados no *software Sound Forge*, versão 10.0. As palavras-alvo foram recortadas, preservando-se todos os fonemas, pareando-se em um mesmo arquivo de áudio de acordo com a locutora e com a situação de ocorrência e não ocorrência de harmonização vocálica. Em seguida, a sequência de reprodução dos estímulos foi organizada, unindo trechos pareados (ocorrência *versus* não ocorrência da harmonização vocálica) do mesmo falante e, na sequência, eram apresentados pares de outros falantes. Além disso, foram inseridos itens lexicais sem variação, apenas para verificar se os participantes estavam atentos às diferenças ou não.

No Quadro 2, observam-se as palavras utilizadas pelas locutoras, com os respectivos padrões de ocorrência e não ocorrência de harmonização vocálica. Considerando o número de falantes (três locutoras), obtiveram-se três padrões de ocorrência e três padrões de não ocorrência da harmonização vocálica para cada um dos vocábulos, perfazendo um total de 54 estímulos.

Quadro 2 – Harmonização vocálica e sua ocorrência na avaliação da preferência de fala

Variável	Palavras selecionadas	Situação de ocorrência	Situação de não ocorrência
Harmonização vocálica ³	Policiais	[pulisi'a's]	[polisi'a's]
	Perigosas	[piri'gɔzas]	[peri'gɔzas]
	Menino	[mi'ninu]	[me'ninu]
	Esquecia	[iski'sia]	[eske'sia]
	Percebido	[pi'fisi'bidu]	[pe'fise'bidu]
	Queria	[ki'ria]	[ke'ria]
	Escutar	[isku'ta]	[esku'ta]
	Acontecido	[akũti'sidu]	[akõte'sidu]
	Resolvido	[fizu'vidu]	[fiezo'vidu]

Fonte: Lopes (2012).

Durante a gravação, foi controlado o aspecto prosódico, principalmente, no que diz respeito à curva entonacional e taxa de elocução, visto que o objetivo era apenas a análise dos aspectos segmentais da variação. Desse modo, procurou-se

³ Embora a pronúncia de vogais abertas em posição pretônica seja recorrente no falar do pessoense, optamos por não incluir essa variante na pesquisa devido à sua baixa ocorrência na fala de repórteres e apresentadores de telejornais locais.

evitar que, ao caracterizar a fala na SNO ou na SO da harmonização vocálica, as locutoras realizassem diferenças perceptíveis no aspecto prosódico e, por consequência, o julgamento dos ouvintes fosse guiado por essas pistas.

Assumindo que um dos objetivos do estudo é analisar as atitudes dos ouvintes em relação aos estilos formal e informal de fala, optou-se por considerar estilo formal a situação de comunicação midiática do apresentador de telejornal; e, quanto ao estilo informal, a fala utilizada pelos falantes da comunidade local em uma conversa com os amigos. Utilizou-se, como critério, a noção de estilo como o grau de atenção prestada à fala durante a comunicação (LABOV, 2008), variando em um contínuo de maior (mais formal) a menor (menos formal) atenção dispensada, o que correspondia, respectivamente, à fala durante a apresentação de um telejornal e à fala em um grupo de amigos.

O grupo de juízes foi composto por 105 ouvintes, pessoenses, estudantes universitários de diferentes cursos da instituição de origem, entre o 1º e o 6º período, com faixa etária entre 18 e 38 anos de idade, sendo 24 do sexo masculino e 81 do sexo feminino, que não possuíam queixas auditivas que impedissem a escuta do material audiogravado.

Durante cada sessão de coleta, os juízes foram orientados quanto aos objetivos da pesquisa e sobre sua participação, sendo-lhes solicitada a leitura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Caso concordassem em participar, deveriam assinar o TCLE e preencher uma ficha de identificação.

Em seguida, os pares de palavras foram apresentados ao grupo de ouvintes, utilizando-se *notebook* e caixas de som, em uma intensidade referida como confortável e suficiente pelos ouvintes, sendo repetidos duas vezes. Solicitou-se que, após a escuta de cada par, os juízes identificassem a pronúncia preferida para um apresentador de telejornal (estilo formal) e para um falante da comunidade local em uma situação coloquial de comunicação com amigos (estilo informal).

Posteriormente, os juízes escutaram as frases emitidas pelas locutoras nas SO e SNO de harmonia vocálica, apresentadas, nesse momento, de forma não pareada. As frases foram retiradas do texto padrão (Quadro 1). Por exemplo: “[...] os *policiais* observavam a felicidade de Ricardo” e “ao entregar os jornais pelas ruas *perigosas* daquela cidade”.

Após a escuta de cada frase, eles realizaram o julgamento de atributos relacionados à fala, incluindo confiabilidade, clareza, competência, credibilidade, cultura e agradabilidade transmitidas pela fala das locutoras, a partir da Escala de Avaliação de Atitudes Relacionadas à Fala – criada pelos pesquisadores –, marcando suas respostas em uma escala de diferencial semântico de sete pontos, com os adjetivos positivos colocados à direita e os negativos à esquerda (AL-HINDAWE, 1996). Nessa escala, os ouvintes eram solicitados a emitir julgamentos de atitudes relacionados às variantes utilizadas pelo locutor, utilizando-se escalas de diferencial semântico (por exemplo, se o ouvinte fosse solicitado a opinar sobre a agradabilidade de determinado trecho de fala, ele deveria marcar sua resposta em uma escala de 1 a 7, sendo 1 a percepção de que o trecho é agradável e 7 a de que ele não é agradável).

Para fins de análise, os valores de 1 a 3 na escala de avaliação das atitudes foram considerados positivos; o valor 4 foi considerado neutro/indiferente; e os valores de 5 a 7, negativos. Para a análise dos dados referentes à preferência entre a SO e a SNO da harmonização vocálica foram realizados testes para proporções, verificando se havia diferenças entre as respostas dos ouvintes. Foi

utilizado o teste de associação exato de Fisher, com nível de significância a 5%, para verificar se existia associação entre a variante linguística preferida para os estilos formal e informal de fala e o julgamento de atitudes atribuídos às situações de ocorrência e não ocorrência da harmonia vocálica. As análises foram feitas na plataforma R, disponível em: <<http://www.r-project.org/>>.

A seguir, sintetizamos a metodologia utilizada nesse estudo (Quadro 3).

Quadro 3 – Síntese dos procedimentos metodológicos realizados no estudo

1. Seleção dos vocábulos-alvo e criação do texto padrão (quadros 1 e 2).
2. Gravação por três locutoras dos vocábulos em frases-veículos “digo _____ baixinho” e do texto padrão em situações de ocorrência e não ocorrência da harmonia vocálica.
3. Apresentação dos vocábulos das três locutoras (Quadro 2) pareados em SO e SNO aos ouvintes, que deveriam sinalizar suas preferências para um estilo formal (fala do telejornalista) e para um estilo informal (fala da comunidade em uma conversa entre amigos).
4. Apresentação das frases extraídas do texto padrão (Quadro 1) em SO e SNO aos ouvintes, que deveriam realizar o julgamento das frases quando relacionadas à fala em um estilo formal e informal, preenchendo sua resposta em uma escala de diferencial semântico de sete pontos.

Fonte: Elaborado pelos autores.

RESULTADOS

A partir dos dados coletados, observou-se que os ouvintes preferem a SNO da harmonização vocálica nos estilos formal e informal ($p < 0,001$) (Tabela 1). Ressalta-se que, no momento da coleta, além da possibilidade de marcar a preferência entre as duas formas de pronúncia (com ocorrência e não ocorrência da harmonização), existia a opção “indiferente”, caso o ouvinte julgasse não haver nenhum tipo de preferência entre as formas de falar. No entanto, a classe “indiferente” foi retirada do teste estatístico entre as proporções devido a sua baixa frequência, não prejudicando o resultado final.

Tabela 1 – Preferência dos ouvintes quanto à ocorrência e não ocorrência de harmonização vocálica nos estilos formal e informal

Variável	Estilo formal					Estilo informal				
	SNO		SO		Valor de p	SNO		SO		Valor de p
	n	%	n	%		n	%	n	%	
Harmonização vocálica	2155	95,23	108	4,77	0,0000*	1455	61,94	894	38,06	0,0000*

* Valores significativos $p < 0,05$ – Teste para proporções.

Legenda: SNO = situação de não ocorrência; SO = situação de ocorrência.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Os juízes consideraram positiva a não ocorrência da harmonização vocálica no estilo formal (fala do telejornalista) em todas as atitudes linguísticas estudadas. Houve associação entre a preferência pela SNO da harmonização no estilo formal e os atributos de confiabilidade ($p = 0,005$), clareza ($p = 0,0147$), competência ($p < 0,001$), credibilidade ($p < 0,001$), agradabilidade ($p < 0,001$) e cultura ($p < 0,001$) (Tabela 2).

Tabela 2 – Associação entre a preferência quanto à ocorrência ou não ocorrência de harmonização vocálica no estilo formal e as atitudes linguísticas

Atitude	Positiva	Negativa	Indiferente	Total	Valor de p
Confiabilidade					0,005*
SNO	1.580	208	367	2.155	
SO	69	12	27	108	
Indiferente	75	6	5	86	
Clareza					0,0147*
SNO	1.611	251	293	2.155	
SO	81	12	15	108	
Indiferente	78	6	2	86	
Competência					0,0000*
SNO	1.438	358	359	2.155	
SO	67	22	19	108	
Indiferente	79	6	1	86	
Credibilidade					0,0000*
SNO	1317	438	400	2.155	
SO	63	25	20	108	
Indiferente	75	8	3	86	
Agradabilidade					0,0000*
SNO	1.388	453	314	2.155	
SO	63	19	26	108	
Indiferente	82	2	2	86	
Cultura					0,0000*
SNO	1.138	669	348	2.155	
SO	50	38	20	108	
Indiferente	67	17	2	86	

* Valores significativos $p < 0,05$ – Teste exato de Fisher.

Legenda: SNO = situação de não ocorrência; SO = situação de ocorrência.

Fonte: Lopes (2012).

Houve associação entre a não ocorrência de harmonização vocálica no estilo informal (fala da comunidade local) e as atitudes linguísticas de confiabilidade ($p = 0,0001$), clareza ($p = 0,0032$) e cultura ($p = 0,0008$) (Tabela 3). Os juizes consideraram positiva a não ocorrência de harmonização vocálica no estilo informal quanto aos três atributos citados. Não houve associação entre os atributos de competência, credibilidade e agradabilidade e a harmonização vocálica no estilo informal.

Tabela 3 – Associação entre a preferência quanto à ocorrência ou não ocorrência de harmonização vocálica no estilo informal e as atitudes linguísticas

Atitude	Positiva	Negativa	Indiferente	Total	Valor de p
Confiabilidade					0,0001*
SNO	1.091	153	211	1.455	
SO	633	73	188	894	
Indiferente	0	0	0	0	
Clareza					0,0032*
SNO	1.214	142	99	1.455	
SO	782	52	60	894	
Indiferente	0	0	0	0	
Cultura					0,0008*
SNO	780	418	257	1.455	
SO	475	306	113	894	
Indiferente	0	0	0	0	

* Valores significativos $p < 0,05$ – Teste exato de Fisher.

Legenda: SNO = situação de não ocorrência; SO = situação de ocorrência.

Fonte: Lopes (2012).

DISCUSSÕES

Constatou-se que os ouvintes preferem a não ocorrência de harmonização vocálica nos estilos formal e informal (Tabela 1), o que indica que esta é uma variante estigmatizada, visto que o pessoense prefere sua não ocorrência independente do estilo e associa valores positivos a essa não ocorrência nos dois estilos (tabelas 2 e 3).

Julgamentos de caráter valorativo a respeito da pronúncia dos sons da fala são comuns e fazem parte da vida cotidiana das pessoas, sempre vindo à tona em ambientes e situações mais variados e inusitados. Ocorrem porque o uso da língua implica variação e, conseqüentemente, permite certas escolhas que, por sua vez, decorrem de condicionamentos culturais, dialetais, sociais, psicológicos, políticos, pragmáticos, que influenciam a concepção e opção estéticas.

Quanto à diferença entre os estilos, no formal houve associação entre todas as atitudes linguísticas e preferência pela SNO; no informal, houve associação

apenas para as atitudes de confiabilidade, clareza e cultura. Percebe-se que as atitudes de competência, credibilidade e agradabilidade – associadas positivamente à SNO apenas no estilo formal – podem estar mais relacionadas às expectativas do ouvinte quanto à fala de um telejornalista, mas, por outro lado, não influencia o julgamento de um falante da sua própria comunidade, quanto a esses atributos, em uma situação informal.

Considerando que, nesta pesquisa, o estilo formal apresentado aos ouvintes no questionário correspondia à fala de um “apresentador de telejornal”, por ser uma situação em que, reconhecidamente e de modo geral, o falante necessita prestar um alto grau de atenção à sua fala, pode-se inferir, como uma das possibilidades de análise, que a escolha de não realização da harmonização vocálica para o falante nesse tipo de situação pode estar relacionada ao estereótipo que o ouvinte tem quanto à fala nesse contexto, permeado pela sua exposição constante ao padrão de telejornais veiculados nacionalmente, em que predomina a não ocorrência da harmonização vocálica.

Essa expectativa é construída com a exposição do ouvinte, ao longo dos anos, ao padrão de fala telejornalístico, o que contribuiu para a formação de um estereótipo para a fala desses profissionais. O fato de preferirem a fala sem a harmonia vocálica para o telejornalista indica que o sotaque suavizado constitui-se em um dos marcadores desse estilo específico de fala (NIEDZIELSKI, 1999; CLOPPER; PISONI, 2002).

Já os resultados da Tabela 3 põem em evidência que a ocorrência da harmonização vocálica não está atrelada somente ao estilo, mas envolve outras questões relacionadas aos juízos de valor quanto ao uso dessa variante pelos falantes em situação informal.

Garret (2010) expôs que as atitudes linguísticas podem ser divididas em quatro dimensões: poder (dominador, controlador, autoritário, assertivo, enérgico, poderoso), competência (confiável, inteligente, competente, trabalhador, educado, ambicioso), solidariedade (alegre, amigo, quente, humorado, agradável, atrativo) e *status* (nível educacional, ocupação, renda, classe social).

Desse modo, a preferência, neste estudo, pela SNO de harmonização vocálica e a atribuição de atitudes positivas a confiabilidade, clareza e cultura no estilo informal estariam mais relacionadas a uma avaliação de *status* – na qualidade de dimensão (GARRET, 2010) – do falante.

Destacamos, ainda, que as atitudes de credibilidade e agradabilidade, que não apresentaram associação, são atributos da dimensão solidariedade, ou seja, estão relacionados à empatia do ouvinte com determinado falante de um grupo social. Em síntese, quando os participantes foram solicitados a sinalizar sua preferência e atribuir atitudes à harmonização vocálica, variante que ocorre na fala do paraibano (HORA, 2004), eles se solidarizaram com a variante em questão por estarem expostos a ela em sua comunidade, mas fizeram sua escolha pautada no *status* do falante, o que pode ser reforçado pelo estudo de Schwindt (2002).

De acordo com Schwindt (2002), há certo favorecimento para aplicação da harmonização vocálica em indivíduos menos escolarizados, em oposição aos mais escolarizados. Segundo esse autor, há uma influência da ortografia sobre a maior ou menor ocorrência da variável, de modo que indivíduos que tiveram maior acesso à escrita utilizam menos esse processo.

Quando o ouvinte avalia sua comunidade de fala em termos regionais, talvez ponha em ação mecanismos relacionados ao estereótipo linguístico (CLOPPER;

PISONI, 2002) para a comunidade local, assim como as informações registradas em sua memória. Dessa forma, quando julga a comunidade local como grupo, para uma situação de fala informal (como orientado durante a coleta), pode se solidarizar com a variante linguística estudada que é utilizada na comunidade local, em contexto informal, e que o uso dessa mesma variante seja estigmatizado em qualquer estilo por remeter informações de *status* menos elevado.

Os ouvintes respondem a um estímulo de fala baseados em uma referência que está armazenada em sua memória, comparando-o com um determinado padrão esperado para um estilo ou categoria social. Dessa forma, quando os ouvintes foram solicitados a manifestar suas preferências e atitudes quanto às variantes linguísticas para um estilo específico, isto fez com que eles evocassem as características de fala esperadas para esse estilo e atribuissem valor ao seu uso. Nesse caso, fez com que os participantes remetessem informações referentes à relação entre a variante e um *status* mais ou menos elevado, o que fez com que preferissem as SNO da harmonização vocálica para os dois estilos.

Desse modo, a resposta dos ouvintes na presente pesquisa pode ser justificada além da noção de preconceito linguístico, mas subsidiada pelo conceito de estereótipo linguístico, quando consideramos a variação como uma prática estilística e a relacionamos às expectativas quanto ao padrão de fala no “estilo formal” de apresentadores de telejornal. O não uso da harmonização vocálica, mesmo em apresentadores de jornais locais, em que a variante não é um processo recorrente, tornou-se uma das marcas da construção do estilo de comunicação oral dos repórteres e apresentadores, carregando um significado capaz de categorizar o grupo e o estilo, não se atendo aqui aos fatores sociais, econômicos e regionais que motivaram essas escolhas historicamente.

As expectativas dos ouvintes quanto a determinados grupos e estilo formam uma lente através da qual os atributos de uma pessoa são interpretados e avaliados. Embora os interlocutores possam ir além do padrão cognitivo do estereótipo para uma impressão mais individualizada, com base em características únicas do indivíduo, a percepção estereotipada é muito mais comum nas relações cotidianas. Baseados apenas na linguagem e no dialeto do falante, os ouvintes fazem julgamento social, regional e de estilo (FISKE; NEUBERG, 1990; RUSHER; HAMMER, 2006).

Pesquisas nos campos da sociolinguística e da psicologia social mostraram que os estereótipos acerca do grupo a que pertence um falante têm influência sobre a forma como as variantes linguísticas são percebidas. A percepção é muito mais do que um mero processamento fonético do sinal de voz, mas outras informações são usadas pelos ouvintes, incluindo informações sociais e os estereótipos sobre uma variedade linguística (NIEDZIELSKI, 1999; KRALIC et al., 2008).

Em síntese, o ouvinte pode ter realizado a escolha pela não ocorrência da harmonização vocálica na fala no estilo formal e informal, porque ele considera que a ocorrência pode ser estigmatizada para os dois estilos de fala, como é o caso da apresentação de um telejornal ou de um membro de sua comunidade com mais *status*; ou, simplesmente, porque ele tem expectativas para esse estilo de fala.

No teste de associação entre a preferência do padrão de fala e o julgamento de atitudes para os estilos estudados, observou-se que os ouvintes consideraram positiva a não ocorrência da harmonização no estilo formal em todas as atitudes linguísticas estudadas. Ou seja, os juízes indicaram, a partir da escala

de diferencial semântico, que pela não ocorrência da harmonização vocálica no estilo formal consideram que a fala do telejornalista transmitiu mais confiabilidade, clareza, competência, credibilidade, agradabilidade e cultura (Tabela 2).

Além disso, foi observado que, para o estilo informal, os ouvintes julgaram que a não ocorrência da variante na fala de sua comunidade local imprimia mais confiabilidade, clareza e cultura (Tabela 3).

Analisando os dados de atitudes dos ouvintes diante da harmonização vocálica, pode-se observar uma provável questão de prestígio encoberto, uma vez que os ouvintes preferem a não harmonização para os dois estilos, mas atribuem atitudes positivas à solidariedade e ao *status* no estilo formal e atribuem apenas atitudes de *status* no estilo informal à não manifestação dessa variante.

Esse achado pode sinalizar uma mudança linguística em implementação, na qual, em breve, mesmo em um estilo informal, os membros da comunidade local estudada poderão não utilizar a harmonização vocálica, visto que já atribuem atitudes positivas à sua não ocorrência em ambos os estilos.

CONCLUSÃO

Os ouvintes da comunidade local preferem a não ocorrência da harmonização vocálica nos estilos formal e informal, e atribuem mais atitudes positivas à não ocorrência dessa variável em ambos os estilos. Além disso, o fato de atribuírem valores positivos à não utilização da variante estudada no estilo informal pode dar suporte à compreensão do sistema de valores do falante dessa comunidade quanto à harmonização vocálica, contribuindo para explicar uma provável mudança linguística em implementação, seguindo na direção da utilização em menor frequência da harmonização vocálica por esses falantes, mesmo em estilo informal.

STYLE AND LINGUISTIC ATTITUDES TOWARDS PROCESSES OF VOWEL HARMONY

Abstract: This study aimed to analyze the preferences and language attitudes of listeners for the occurrence of the process of vowel harmony with [+high] vowels in formal and informal styles of communication. The judges listened to pairs of words containing mid and high realizations of mid-vowels and answered which of the two they preferred to a formal and informal style of communication. Then they listened to paired phrases and evaluated the speakers in seven scales of personal attributes, which were analyzed according to the conditions of occurrence and non-occurrence of linguistic variant.

Keywords: Style. Speech perception. Sociolinguistics.

REFERÊNCIAS

- AL-HINDAWE, J. Considerations when constructing a semantic differential scale. *La Trobe Working Papers in Linguistic*, v. 9, n. 3, p. 41-58, 1996.
- ALLPORT, G. *The nature of prejudice*. Cambridge: Addison-Wesley, 1954.
- BISOL, L. A harmonização vocálica como indício de uma mudança histórica. *Delta*, v. 31, n. 1, p. 185-205, 2015.

- CAMPBELL-KIBLER, K. The nature of sociolinguistic perception. *Language Variation and Change*, v. 21, n. 1, p. 135-56, Mar. 2009.
- CLOPPER, C. G.; BRADLOW, A. R. Free classification of American English dialects by native and non-native listeners. *Journal of Phonetics*, v. 37, n. 4, p. 436-451, 2009.
- CLOPPER, C. G.; PISONI, D. B. Perception of dialect variation: some implications for current research and theory in speech perception. In: *Research on Spoken Language Processing*. Progress Report n. 25 (2001/2002). Indiana: Indiana University, 2002. p. 271-289.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FISKE, S. T.; NEUBERG, S. L. A continuum of impression formation, from category-based to individuating processes: influences of information and motivation on attention and interpretation. *Advances in Experimental Social Psychology*, v. 23, p. 1-74, 1990.
- GARRET, P. *Attitudes to language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- HORA, D. (Org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa, 2004.
- KRETZSCHMAR, W. A. Language variation and complex systems. *American Speech*, v. 85, n. 3, p. 263-86, 2010.
- LABOV, W. A sociolinguistic perspective on sociophonetic research. *Journal of Phonetics*, v. 34, n. 4, p. 500-515, Oct. 2006.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.
- LOPES, L. W. *Preferências e atitudes dos ouvintes em relação à variação linguística regional no telejornalismo*. 2012. Tese (Doutorado em Linguística)–Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.
- NAMY, L. L.; NYGAARD, L. C.; SAUERTEIG, D. Gender differences in vocal accommodation: the role of perception. *Journal of Language and Social Psychology*, v. 21, n. 4, p. 422-432, 2002.
- NIEDZIELSKI, N. The effect of social information on the perception of sociolinguistic variables. *Journal of Language and Social Psychology*, v. 18, n. 1, p. 62-85, 1999.
- OPPENHEIM, A. *Questionnaire design, interviewing, and attitude measurement*. London: Pinter, 1992.
- REMEZ, R. E.; FELLOWES, J. M.; RUBIN, P. E. Talker identification based on phonetic information. *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance*, v. 23, n. 3, p. 651-66, June 1997.
- RUSHER, J. B.; HAMMER, E. D. The development of shared stereotypic impressions in conversation. *Journal of Language and Social Psychology*, v. 25, n. 3, p. 221-243, 2006.
- SCHWINDT, L. C. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

THURSTONE, L. The measurement of social attitudes. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, v. 26, n. 3, p. 249-69, 1931.

WILLIAMS, A.; GARRET, P.; COUPLAND, N. Dialect recognition. In: PRESTON, D. R. (Ed.). *Handbook of perceptual dialectology*. Philadelphia: John Benjamins, 1999.

Recebido em maio de 2016.
Aprovado em agosto de 2016.